

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SOFRIMENTO PSÍQUICO: NARRATIVAS DE MULHERES CATADORAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS

DOMESTIC VIOLENCE AND PSYCHOLOGICAL DISTRESS: NARRATIVES OF WOMEN WASTE PICKERS

Josenaide Engracia dos **Santos**^{ID*}, Ana Beatriz Milhomem **Dutra**^{ID}, Vanessa Resende Nogueira **Cruvinel**^{ID}, Rozemere Cardoso de **Souza**^{ID}, Yasmim Cristina Silva **Sander**^{ID}, Bruna Grasielle Nunes de **Sousa**^{ID}, Crislayne Beatriz Ferreira de **Morais**^{ID}

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

*josenaidepsi@gmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a interface entre violência doméstica e sofrimento psíquico, a partir da perspectiva de mulheres catadoras de materiais recicláveis. Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem construcionista social, realizado com 20 mulheres catadoras de resíduos sólidos, moradoras do Distrito Federal, Brasil. A entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados e os mapas de Associação de Ideias para análise dos conteúdos das falas foram utilizados. Os conteúdos extraídos a partir das narrativas coletadas estão divididos em três categorias temáticas: violência produzindo sofrimento psíquico, recursos para enfrentamento da violência, trabalho e sofrimento psíquico entre as mulheres que trabalham com resíduos sólidos. No trabalho, perceberam-se memórias pessoais do sofrimento vivido e experimentado no tempo presente no espaço laboral. Na leitura das mulheres, são escassos os recursos de ajuda, mesmo com o conhecimento do recurso jurídico. Contudo apareceram indícios de autoconhecimento do direito à vida, do respeito e da valorização de ser mulher. Conclui-se que são necessárias estratégias de resistência com atendimento psicossocial, jurídico e de proteção às mulheres, a fim de apoiar, de forma proativa, a redução de suas vulnerabilidades e facilitar a expansão de suas capacidades para enfrentar as causas da violência e produzir redes de cuidado, de suporte e de prevenção, que incluam seus filhos.

Palavras-chave: Catadores. Sofrimento psíquico. Violência doméstica.

ABSTRACT

The objective was to analyze the interface between domestic violence and psychological distress from the perspective of women waste pickers. This is a qualitative study with a social constructionist approach conducted with 20 women waste pickers, residents of the Federal District, Brazil. Semi-structured interviews, as an instrument for data collection, and Association of Ideas maps were used to analyze the speech contents. The contents extracted from the collected narratives are divided into three thematic categories: violence producing psychological suffering, resources to deal with violence, and work and psychological suffering among women who work with solid waste. At work, personal memories of the suffering lived and experienced in the present time in the workplace were noticed. In the view of the women, aid resources are scarce, even with the knowledge of the legal resource. However, there were signs of self-knowledge of the right to life, respect and the worth of being a woman. Strategies of resistance with psychosocial, legal, and protection services of women are needed in order to proactively support the reduction of their vulnerabilities and facilitate the expansion of their capacities to address the causes of violence, and to produce networks of care, support, and prevention that include their children.

Keywords: Domestic violence. Garbage collectors. Psychological suffering.

INTRODUÇÃO

O processo de globalização, intensificado no final da década de 90, ocasionou considerável aumento do desemprego e, paralelo aos progressos tecnológicos, provocou a desigualdade social (THERBORN, 2001). Vários trabalhadores, por não terem formação, encontraram dificuldades para inserção no mercado formal e mudaram para informalidade, como forma de garantir o seu sustento e de sua família.

A catação de resíduo sólido emerge como alternativa para o desemprego, pois essa atividade não requer habilidades especiais e aptidões para seu ingresso. É uma atividade que demanda mão de obra intensa para gestão de resíduos sólidos, que ainda possui valores econômico e ambiental.

A coleta de resíduos sólidos é importante para a proteção da saúde pública, da segurança, da qualidade ambiental e da econômica e os trabalhadores de resíduo sólido são componentes importantes no desenvolvimento dessa atividade. Estudos de Hoefel *et al.* (2013) afirmam que, entre os trabalhadores, existe predominância de mulheres catadoras, sendo que 85% dessas trabalhadoras encontram-se na faixa etária reprodutiva, até os 49 anos de idade.

Cruvinel *et al.* (2019) argumentam que apesar da importância socioeconômica e ambiental decorrente da atividade de catação de materiais recicláveis e a presença significativa das mulheres trabalharem na catação, cabe assinalar que a atividade é desenvolvida em condições insalubres. Zolnikov *et al.* (2018) sinalizam que essas mulheres ficam mais expostas aos riscos ocupacionais, biológicos, químicos, físicos, ergonômicos e sociais, devido à manipulação de resíduos sólidos contaminados com agentes biológicos, tais como bactérias, fungos, vírus, parasitas e toxinas

Os riscos sociais podem ser exemplificados com os processos discriminatórios aos quais os catadores estão submetidos. Pereira, Secco e Carvalho (2014) identificaram que a catação de materiais recicláveis está envolta em estigmas e preconceitos, tendo em vista que esses trabalhadores sobrevivem do e no “lixo”, motivo pelo qual verifica-se acentuação dos processos discriminatórios, culminando na ampliação das condições de vulnerabilidade social, bem como da violência simbólica que acaba por produzir adoecimento das trabalhadoras.

Estudos de Zolnikov *et al.* (2018) e Cruvinel *et al.* (2019) apontam a vulnerabilidade das mulheres catadoras para o adoecimento decorrente do desgaste do trabalho e consequente comprometimento da saúde física, da integridade psíquica e das relações sociais.

As mulheres catadoras de resíduos sólidos geralmente estão em situação de pobreza. Susmitha (2016) coloca que as situações de pobreza e exclusão social estão em grande parte ligadas à existência da violência doméstica. Assim, os elementos nucleares da problemática da violência compreendem baixos salários, pressões econômicas, condições de trabalho e de vida que perpassam a vida das mulheres que trabalham com reciclagens.

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) analisa que o índice de violência contra mulheres que integram a população economicamente ativa (52,2%) é praticamente o dobro do registrado pelas que não compõem o mercado de trabalho (24,9%) (IPEA, 2019). A violência, para Oram, Khalifeh e Howard (2017), está associada a um risco aumentado de transtorno mental. E ainda, segundo Landerdah *et al.* (2016), a violência associa-se ao aumento nas taxas de suicídio, maior incidência de problemas relacionados à cefaleia e distúrbios gastrointestinais, sendo considerada pela Organização Panamericana de Saúde/ Organização Mundial da Saúde (2016) como um importante fator que impacta significativa e negativamente a saúde mental de mulheres em vários países, tornando-a precária.

Portanto é essencial voltar-se para ao entendimento do sofrimento psíquico como análise de categoria da violência doméstica. A partir dessas considerações, este estudo questionou sobre a interface entre violência doméstica e sofrimento psíquico de mulheres catadoras de materiais recicláveis e teve por objetivo: analisar a interface entre violência doméstica e sofrimento psíquico a partir da perspectiva de mulheres catadoras de materiais recicláveis.

MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo foi produzido a partir do projeto de pesquisa, intitulado: Sofrimento psíquico como categoria de análise da violência doméstica em mulheres, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, sob parecer 2.760.010, CAAE: 91922818.6.0000.5540. Adotou-se como referencial teórico-metodológico, a abordagem qualitativa, construcionista social, conforme Spink e Medrado (2013) trata-se de uma abordagem pautada nas práticas discursivas e na produção dos sentidos.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, interativo, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos à sua volta, tendo os mesmos a função de garantir às pessoas condições para que se sintam integrantes de um corpo social (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 22).

O cenário da pesquisa foi a Cooperativa de Reciclagem Trabalho e Produção do Distrito Federal, Brasil. As participantes da pesquisa foram 20 mulheres, trabalhadoras da cooperativa, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: membro da cooperativa, maiores de 18 anos, que sofreram ou não algum tipo de violência e aceitar participar da pesquisa.

Citando Santos *et al.* (2020), a técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, que permite ao pesquisador obter os dados de forma mais flexível, baseada em parâmetros com profundidade e não-dirigida, evitando-se perguntas que pudessem dirigir respostas para o que se tem em mente. A coleta de dados foi previamente agendada, e ocorreu de 28/09/2019 a 28/10/2019, na cooperativa de reciclagem.

Para Creswell (2010), os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão estudada. A coleta dos dados qualitativos foi feita individualmente no ambiente de trabalho. Na cooperativa, foi disponibilizada uma sala espaçosa para realização das entrevistas de maneira que possibilitasse um ambiente privativo, limpo, iluminado e com aroma agradável. As mulheres foram convidadas a participarem da pesquisa, e orientadas ao diálogo com a entrevistadora de forma intercalada, para que, assim, mantivesse-se o fluxo do serviço, sem maiores interferências à produtividade de seu trabalho.

Para análise, os conteúdos das entrevistas foram gravados na íntegra, e depois organizados em tabelas, no Word, respeitando-se a sequência do processo de enunciação, em colunas correspondentes às categorias descritivas que emergiram dos objetivos da pesquisa e da leitura e análise das entrevistas originais. Esse mapeamento corresponde à técnica de análise de dados denominada de Mapas de Associação de Ideias.

Mapas de Associação de Ideias é uma tabela onde as colunas são definidas tematicamente. A definição das colunas que sistematizam a entrevista (ou o material discursivo) está relacionada a esse processo de organização de conteúdo de uma interação discursiva muito peculiar gerada pelo procedimento de pesquisa (SPINK; LIMA, 2013, p. 84).

A técnica funciona da seguinte forma:

Utiliza-se um processador de dados, tipo Microsoft Word, e digita-se toda a entrevista; constrói-se uma tabela com um número de colunas correspondente às categorias a serem utilizadas; usa-se as funções cortar e colar para transferir o conteúdo do texto para as colunas, respeitando a sequência do diálogo. Obtém-se, como resultado, um efeito escada (SPINK; LIMA, 2013, p. 85).

Tais colunas temáticas nem sempre podem ser definidas *a priori*. Embora os roteiros imponham uma forma à interação, nem sempre os interlocutores respeitam essa forma. Consoante

Spink e Lima (2013), os Mapas têm essa característica interessante de mostrar como as pessoas são resistentes aos roteiros, e não têm temáticas predefinidas. A definição das temáticas organizadoras dos conteúdos da entrevista já é o processo de interpretação.

Sobre os aspectos éticos, a pesquisa obedeceu às normas e diretrizes que regulamentam a pesquisa que envolve seres humanos do Conselho Nacional de Saúde. As participações dos sujeitos foram voluntárias, tendo como critério a autorização. Para assegurar o sigilo das informações e o anonimato dos sujeitos em questão, na apresentação dos resultados, as entrevistas foram descritas pelo algoritmo condizente à ordem dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram estudadas 20 mulheres e suas narrativas sobre o que pensam acerca da violência, entre as entrevistadas, 54,2% pertenciam à faixa etária de 30 a 49 anos. A Tabela 1 apresenta dados da escolaridade, cor autorreferida e situação das mulheres em relação à violência sofrida. Dentre os resultados, destacam-se: metade (50%) possuía o ensino fundamental incompleto I, 95% delas se autodeclararam pardas e pretas; 75% sofreram algum tipo de violência na vida, sendo o ex-companheiro (67%) o agressor de maior frequência.

Tabela 1 - Estatística dos perfis das participantes da pesquisa.

Ensino	Quantidade (%)
Fundamental incompleto	10 – 50%
Fundamental completo	3 – 15%
Ensino médio completo	3 – 15%
Ensino médio incompleto	3 – 15%
Analfabetas	1 – 5%
Etnia	
Morenas ou pardas	15 – 75%
Negras	4 – 20%
Não quiseram se identificar	1 – 5%
Origem da violência	
Ex-companheiro	10 – 67%
Atual companheiro	4 – 27%
Pai ou outro familiar	1 – 7%

Fonte: os autores.

De acordo com a análise dos mapas de associação de ideias, os conteúdos emergentes das narrativas foram agrupados em três categorias temáticas: (1) relação entre violência e sofrimento psíquico, (2) trabalho e sofrimento psíquico e (3) recursos para enfrentamento da violência e trabalho.

Relação entre violência e sofrimento psíquico

As mulheres narraram vários tipos de violência – xingar, bater, humilhar, queimar, ameaçar de vender a casa, colocar para fora de casa e tirar os filhos. Todas essas situações podem ser consideradas precipitadoras de sofrimento psíquico. Para Becker-Dreps *et al.* (2010), as consequências da violência contra as mulheres podem levar a inúmeras repercussões na saúde mental, como abuso de álcool e drogas, depressão e ansiedade, distúrbios alimentares e do sono, sentimentos de vergonha e culpa, fobias, transtornos do pânico, sedentarismo e baixa autoestima.

[...] “O adoecimento mental vem por conta disso, de brigas, de discussões dentro de casa, vem de tudo isso e a pessoa vai adoecendo mentalmente, vai

enfraquecendo, vai tirando a vontade de viver, a vontade de cozinhar, a vontade de criar os filhos, vem tudo disso”. (E5)

Oram, Khalifeh e Howard (2017) discorrem que sejam quais forem as formas de violência contra as mulheres, elas aumentam o risco de transtorno mental. Em estudo, Yu *et al.* (2019) afirmam que a violência está associada a uma ampla gama de consequências graves para a saúde das vítimas, como lesões físicas, interrupção da gravidez e, principalmente, transtorno de estresse pós-traumático, depressão e suicídio.

“Sim. Primeiro porque geralmente no relacionamento não vem primeiro os tapas. Não vem! Num, no casamento onde existe um homem que goste de bater em mulher sempre vêm primeiro as discussões e isso vai fazendo voce ficar mal, triste”. (E18)

Estudos de Islam, Jahan e Hossain, (2018) identificaram vários padrões de violência que desencadeiam transtornos mentais. Uma dessas violências está relacionada à agressão direta à autoestima, com humilhações e desvalorização da mulher, conforme depoimento:

[...] “Porque o homem quando ele quer ofender ou quando ele quer colocar a mulher pra baixo ele atinge primeiramente o corpo dela, falando que a mulher é feia, que a mulher não se cuida, que a mulher... a tem muita mulher que... não...isso aí vai magoando, aí vai... é quando a mulher vai entrando num poço de depressão”. (E3)

[...] “Depois que eu me casei com ele, ele falou que eu era feia, horrorosa. E disse que não ia sair comigo pra canto nenhum. É muito triste, é uma situação muito triste”. (E10)

A humilhação e desqualificação são estratégias do agressor para manter o controle sobre essas mulheres. Mendez (2004) denomina a estratégia de micromachismo caracterizados pelo uso de métodos morais, psíquicos, econômico ou pessoal para tentar subjugar as mulheres e convencê-las a ficar do lado deles. Outra tática de controle é desvincular a mulher da sua rede social de apoio. Rede social de apoio, compreendida como a soma de todas as relações que a pessoa percebe como significativa. Para Canesqui e Barsaglini (2012), é considerada a amizade como um círculo social constituído por traços de afinidade, formando uma teia que une as pessoas. Sem rede, a mulher fica isolada, sem apoio afetivo, e fica enfraquecida para se opor ao agressor. Por vezes, a mulher se isola por vergonha:

[...] “Eu não tinha amigos, ele não deixava. Não tinha ninguém, eu era isolada na minha casa. Meu pai num brigava com minha mãe, meu pai amava muito minha mãe, lá na casa dos meus pais era tudo de bom. Mas só ele que me espancava”. (E7)

O isolamento pode ser um precipitador para sofrimento psíquico, pois as mulheres ficam sozinhas, afastando-se de uma possível rede de apoio, o que contribui para se tornarem ainda mais prisioneiras de uma relação abusiva, e continuarem nessa relação de violência.

Os impactos da violência são perceptíveis, mesmo após o fim das agressões. Para Douglas e Walsh (2010), as consequências para crianças e adolescentes são problemas emocionais e comportamentais, baixa autoestima, desobediência, entre outros. Tal cenário, muitas vezes, demanda das mulheres a busca de ajuda profissional.

[...] “Fica as marcas hoje, por que até hoje meus filhos levam consigo né, eu tenho um filho que precisa de tratamento psicológico estou à procura, procurando também, porque do outro relacionamento ele traz uma história, então ele acha

que, ele tem tipo uma mágoa dentro dele, por conta disso que o pai dele não cuidou dele, enfim, então eu trago consequências desse casamento”. (E9)

A violência repercute sobre o comportamento das mulheres. Um exemplo é a insegurança para um novo relacionamento. Os traumas gerados pela violência e as situações que ocorreram fazem com que a vítima tenha medo de relacionar-se novamente, comprometendo por vezes o campo afetivo de sua vida. Depoimento abaixo:

[...] “Meio que você tem medo de acontecer o que já aconteceu, entendeu? Tanto que esse daí eu nem moro com ele, entendeu? Porque eu fico meio... porque eu não quero me decepcionar. Então eu vou devagarzinho para poder ver o que vai dar... que se terminar pelo menos ele vai estar lá e eu vou tá aqui... Agora passar o que eu já passei, eu não mais nunca! Nunca! Passo o resto da minha vida só”. (E13)

Outro aspecto da violência é a permanência das mulheres em relacionamento abusivo. Segundo Mizuno, Fraid e Cassab (2010), o motivo está associado à falta de recursos financeiros e de rede apoio, e por estar inserida em uma relação de dependência afetiva decorrente do processo de sujeição de dominação pelo outro. A sujeição encobre sentimentos de negação e de submissão, resultando, assim, numa fragilizada autoestima.

“Eu passei doze anos apanhando do meu ex-marido, doze anos. Eu chorava no cantinho, ele me dava murro, arrancava meus cabelos, me tocou fogo. Me ameaçava, tem ninguém não, vou te bater mesmo tem que morrer mesmo, eu chorava sabe? “Eu pedi até pra Deus me buscar, falava me busca Deus, me busca”. (E19)

Valverdi (2014) argumenta que o uso de substâncias psicoativas é, por vezes, utilizado como motivo para precipitar as agressões praticadas pelo abusador. O que dá a essas mulheres o sentimento de que o agressor só pratica tal ato, pelo fato de estar sob efeito da substância e não por vontade própria. Tal sentimento pode trazer a ilusão de que é algo temporário, fazendo com que ela se sinta na obrigação de perdoar o agressor, conforme depoimento.

[...] “Ah eu ficava na minha, né? Não respondia ele, ficava quieta. Até ele passava. Ai quando ele parava de beber ele me pedia desculpa. Eu pensava “não, ele vai mudar”. Não mudava. Ele continuava “. (E18)

[...] “É ele usava droga, bebida, e eu não sabia como lidar com isso e se eu fosse falar qualquer coisa ele vinha pra me agredir e nisso eu fui vivendo, passando anos e anos, e criando meus filhos praticamente sozinha porque ele não me apoiava”. (E8)

O uso de substâncias psicoativas aparece como facilitador para o ato violento. O alcoolismo não só desencadeia o comportamento violento, mas também é visto como motivo de desentendimento entre os casais. Para Smith (2000), o uso de substâncias psicoativas pode também estar envolvido na violência doméstica sob formas mais sutis, como discussões sobre assuntos financeiros, conjugais e outros.

Trabalho e sofrimento psíquico

Bourdieu (1997) refere que as violências nas mais diferentes expressões, notadamente à violência inerte das estruturas econômicas e sociais são protagonistas de muitas "pequenas misérias", destacando-se, neste contexto, a violência no trabalho. No cotidiano do trabalho das participantes, as narrativas dão evidências de sofrimento, desamparo e solidão. As catadoras se

submetem a trabalhos que possuem condições insalubres e remunerações injustas, trazendo um sentimento de injustiça, conforme depoimento abaixo:

“Machuca, pois é, aqui no galpão também o pessoal já maltrata a gente demais que aqui a gente nesse galpão aqui a gente não tem amigo, é uma coisa sei lá, a gente trabalha por que a gente precisa viu, mas é tanta coisa que eu tô passando, esse galpão aqui ele maltrata a gente demais, assim, a gente não ganha dinheiro, pessoal não é amigo da gente, não tem uma pessoa pra chegar e conversar com a gente sabe”. (E17)

Essas mulheres apresentam queixas que remetem ao sofrimento com origem nos conflitos gerados pela falta de apoio de rede social e de coesão social para suportar a precariedade do Trabalho. Citando Werlang e Mendes (2013), a origem social do sofrimento relacionar-se-ia, neste sentido, com a questão de uma precariedade social, que significa insegurança social, insegurança pela ausência de suportes sociais, relacionado com a insegurança relativa à perda: perda da confiança em si mesmo, perda da confiança nos outros e perda de confiança no futuro.

Recursos utilizados para enfrentamento da violência

As táticas de enfrentamento utilizadas pelas vítimas, conforme Benetti *et al.* (2015), tem a finalidade de sobrevivência ou superação dos episódios aos quais são submetidas. Um dos recursos utilizados e vividos que auxiliaram no enfrentamento da situação foram as leis que defendem o direito da mulher. Por exemplo a Lei Maria da Penha.

[...] “Tive, eu tive essa ajuda quando saiu a lei, foi quando saiu a lei Maria da penha. Foi aí que eu fui lá na delegacia, meu irmão me levou na delegacia, aí ele teve que ficar 100 metros longe de mim. Ainda ficou muitos anos me perseguindo, mas assim, foi um processo árduo que passou, mas a gente tenta tocar a vida pra frente”. (E18)

Muitas dessas mulheres sentem que, apesar de existir uma lei que as ampara, ela pode ser ineficiente, pelo fato de que várias vítimas, após realizarem a denúncia, continuam a sofrer com os abusos, ou até mesmo chegam a ser vítimas de uma tentativa de homicídio. Sendo assim, algumas dessas mulheres não veem outra saída a não ser usar da violência física contra o seu agressor, como forma de defesa:

[...] “Tipo assim, eu tenho e não tenho. Porque invés de morrer, eu tenho que fazer primeiro, eu já penso nisso, mas medo eu tenho!”. (E1)

[...] “Me sentia se não um nada, porque ele me batia demais e eu não reagia. Mas aí teve um dia que eu reagi, reagi porque dei conta não...porque ficar apanhando. Porque eu tinha medo sabia, de entregar ele na polícia, e falar assim oh, eu vou entregar ele quando eu voltar eu vou morrer. Aí quando foi um dia minha fia, me deu um ataque, eu falei “Eita, agora eu desci do salto” e foi um tal de correr, cortei de facão, de facão cortei ele...” (E7)

Outra estratégia para enfrentamento da violência tem sido a igreja ou religiosidade. Estas podem ser recursos de auxílio para o enfrentamento dos abusos, ou por vezes, de incentivo à continuidade deles, pois ela pode vir a disseminar que a mulher tem seus deveres com a família e o marido, o que reforça novamente o papel da mulher que é imposto pela sociedade, como cuidadora, mãe, esposa que deve se anular, para sujeitar-se ao marido.

[...] *“A gente tinha que ir à igreja, principalmente na que eu congregava, na comunidade que eu convivia, eu tinha que conviver com meu marido, eu tinha que viver aquilo porque Deus ia libertar, mas nisso eu ainda vivi 14 anos sendo agredida, sendo ameaçada, e graças a Deus, ele me libertou daquela situação né, mas é como eu te falei eu trago consequências desse casamento”.* (E18)

Por fim, apresento uma narrativa que exemplifica outros possíveis recursos de apoio às mulheres, descritos pelo reconhecimento da liberdade, de valorização de si mesma e de empoderamento:

[...] *“...Eu quero falar assim que nós mulheres nós somos livres, nós somos iguais a qualquer ser humano, a gente tá morrendo degradadamente, um dia após o outro, a gente tá morrendo e estão nos matando como se a gente fosse um bicho e nós não somos...todo dia a gente vê na televisão que as mulheres estão morrendo de um jeito triste, de um jeito rápido a gente não é porco, a gente não é bicho pra morrer desse jeito, tendeu.”* (E3)

Outro recurso para lidar com o sofrimento, por incrível que pareça, é o crochê. A entrevistada relata que serve para amainar os pensamentos e pode ser um aliado para produzir bem-estar.

[...] *“É sofrimento demais, né? Que eu já tive, né? Que tem hora assim que eu tento me esquecer. Às vezes quando eu saio do meu serviço aqui eu vou fazer um crochezinho... pra mim não lembrar dessas coisa”.* (E5)

Vê-se, portanto, o uso do crochê como recurso “para não lembrar dessas coisas” e possibilitar um foco positivo da situação estressante vivida.

Em narrativas de casos de violência doméstica na cooperativa de reciclagem de resíduos sólidos, os comportamentos que são evocados para descrever o sofrimento psíquico e sua evolução situam-se no campo dos problemas conjugais que culminam com a violência. Não é surpreendente que o sofrimento psíquico seja identificado no campo das relações conjugais na sua maioria – é, acima de tudo no domínio da sintomatologia, que as mulheres expressam seu adoecimento. Certos aspectos particulares são enfatizados nos discursos sobre violência: humilhação, desvalorização, medo, controle transtorno e suicídio são apontados nas narrativas como um sinal de sofrimento psíquico. A violência constitui-se neste quadro como uma manifestação do sofrimento psíquico.

Na cooperativa, as mulheres que sofrem violência, na sua maioria, possuem grau de instrução fundamental incompleto, o que limita suas possibilidades de inserção no mercado do trabalho, dados consistentes com a pesquisa internacional de Rashedi *et al.* (2019), na qual a violência doméstica foi associada à escolaridade das mulheres. Há também as características raciais, que, em sua maioria, são pardas e pretas. As mulheres pardas e pretas enfrentam barreiras que dificultam sua plena igualdade e seu progresso. Pereira, Secco e Carvalho (2014) referem que elas são mais sujeitas à exploração no mercado de trabalho e a outras formas de discriminação e violência doméstica que são fatores predisponentes e precipitantes de sofrimento psíquico.

Chong, Vaigankar e Abdin (2013) indicam uma relação direta entre adoecimento mental e subemprego. A situação de sofrimento das catadoras reflete um formato de trabalho nos moldes de subemprego que determina a saúde, pois as condições às quais as trabalhadoras são submetidas afetam suas vidas. O trabalho com resíduo sólido, citando Dejours (2015), parte da ideia de “trabalho sujo”, por tratar-se de atividade de baixa representação social, uma das razões é a desvalia do objeto da atividade, o lixo, que está associado à ideia de miséria, doença e morte.

Nos dizeres de Pereira, Secco e Carvalho (2014), por vezes, esse trabalho dá-se em condições insalubres e com um retorno financeiro injusto ao trabalho realizado, convergindo com estudo de Paixão, Patias e Dell’Aglio (2019), que identifica que as mulheres ocupam a margem mais precária e mais desgastante na cadeia produtiva da catação/reciclagem, e tem baixo nível de

apoio social nesse trabalho. Os autores ressaltaram uma relação complexa entre a participação das mulheres no mercado de trabalho e as chances de sofrer violência doméstica.

Muitas destas trabalhadoras carregavam em sua história de vida a luta para sobreviver a violência doméstica. As formas de apoio foram: espiritualidade e empoderamento. Quando buscam ajuda, geralmente é de cunho religioso/ espiritual, mas tal ajuda pode afetar diretamente na continuidade desses abusos. Para Krob (2017), os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência.

Os fragmentos de narrativas apresentados indicam que as mulheres submetidas à violência durante muito tempo, tomam atitude, a partir do momento em que o caso não pode mais ser administrado. Para Marinho e Goncalves (2019) novas providências, como acionar a lei Maria da Penha, estimulando o protagonismo, direitos, aprendizagem significativa e liberdade em fazer uso ou não da denúncia como recurso, estão entre os repertórios que explicam o empoderamento. Mas nem todas acessam e nem acreditam na sua eficácia. A maioria das mulheres da cooperativa que sofreram ou sofrem violência demoram para procurar ajuda.

Mesmo cientes dos riscos, algumas dessas mulheres não procuram apoio nem recursos da saúde e/ ou assistência social, possivelmente devido ao desconhecimento sobre dispositivos de auxílio no enfrentamento da violência doméstica, como Centros Especializados de Atendimento à Mulher (CEAM), abrigos, entre outros, que podem auxiliar em casos de violência.

Devries *et al.* (2011) afirmam que, para reduzir a violência e os transtornos mentais, é preciso promover fatores de proteção e reduzir os facilitadores da violência por meio de medidas programáticas, fortalecimento dos recursos de saúde e medidas regulatórias. Portanto, o empoderamento precisa ser estimulado e desenvolvido entre mulheres que trabalham com resíduos sólidos, por meio de estratégias de resistência e apoio, tais como: educação popular, fortalecimento de vínculos em redes de solidariedade, envolvimento de grupos de autoajuda e programas de conscientização.

Por fim, destacam-se mais dois aspectos das narrativas expressas pelas mulheres. Em relação ao empoderamento, os repertórios afirmam a necessidade de respeito e de direito à vida e vida digna, e o fato de serem mães, cujos filhos, pelo que foi refletido aqui, precisam ser alvos da atenção à saúde, com vistas à promoção e prevenção de novos agravos. No cumprimento dessa tarefa, a Atenção Básica, tanto no Sistema Único de Saúde (SUS) quanto Sistema Único de Assistência Social (SUAS), tem papel primordial para articular diversos serviços e tecer redes.

Redes compostas, de dispositivos oficiais, não oficiais e coletivos, articulados que dêem conta da complexidade da violência doméstica visando o desenvolvimento de estratégias de prevenção que assegurem o empoderamento e autonomia das mulheres.

CONCLUSÃO

É importante ressaltar que a violência tem uma dimensão que precipita o sofrimento psíquico, e tem um papel produtivo, pois é um produto que emerge a partir das relações sociais, econômicas e de trabalho aos quais as mulheres catadoras de resíduos sólidos estão submetidas, como tem mostrado a literatura.

Pode-se dizer que correlacionar a violência contra mulher com sofrimento psíquico é subsequente ao grau de instrução e à etnia, o que intensifica os sofrimentos, apresentados como sentimento de insegurança, medo, desamparo, depressão, baixa autoestima, solidão e desassistência, inclusive nos espaços de trabalho.

Os resultados apontaram a necessidade de programas específicos para essas mulheres e seus filhos, com ações intersetoriais da assistência social, saúde, articulados com serviços de referência no atendimento de vítimas de violência.

É importante discutir a possibilidade de implementar programas de prevenção à violência doméstica nas cooperativas de reciclagem. Com programa de sensibilização de gênero, que pode ser

o início do caminho, empoderando as mulheres para o autoconhecimento, liberdade, trocas sociais e respeito a essas mulheres de forma proativa.

REFERÊNCIAS

BECKER-DREPS, S. *et al.* Association between intimate partner violence and irritable bowel syndrome: a population-based study in Nicaragua. **Violence Against Women**, v. 16, n. 7, p. 832-845, 2010.

BENETI, E. R. R. *et al.* Estratégias de coping e características de trabalhadores de enfermagem de hospital privado. **Revista Rene**. v. 16, n. 1, p. 3-10, 2015.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 752 p.

CANESQUI, A. M.; BARSAGLINI, R.A. Apoio social e saúde: pontos de vista das ciências sociais e humanas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1103-1114, 2012.

CHONG, S. A. *et al.* Mental disorders: employment and work productivity in Singapore. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 48, n. 1, p. 117-123, 2013.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUVINEL, V. R. N. *et al.* Health conditions and occupational risks in a novel group: waste pickers in the largest open garbage dump in Latin America. **BMC Public Health**, v. 19, n. 1, p. 581, 2019.

DEJOURS, C. **Le choix: le souffrir au travail n'est pas une fatalité**. Paris: Bayard, 2015. 300 p.

DEVRIES, K. *et al.* Violence against women is strongly associated with suicide attempts: evidence from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women. **Social Science & Medicine**, v. 73, n. 1, p. 79-86, 2011.

DOUGLAS, H.; WALSH, T. Mothers, Domestic Violence, and Child Protection. **Violence Against Women**, v. 16, n. 5, p. 489-508, 2010.

HOEFEL, M. G. *et al.* Acidentes de trabalho e condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis no lixão do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 3, p. 774-785, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Índice de violência doméstica é maior para mulheres economicamente ativas**. Brasília: IPEA, 2019.

ISLAM, M. M.; JAHAN, N.; HOSSAIN, M. D. Violence against women and mental disorder: a qualitative study in Bangladesh. **Tropical Medicine and Health**, v. 46, 2018.

KROB, D. B. **Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso**. 2017. 211f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

LANDERDAHL, M. C. *et al.* Female empowerment process mediated through qualification to work on civil construction. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 306-312, 2013.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Mulheres em situação de violência doméstica: aspectos referentes ao empoderamento feminino. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 16, n. 2, p. 01-18, 2019.

MENDEZ, B. L. Los Micromachismos. **Revista La Cibeles**, n. 2, p. 1-6, 2004.

MIZUNO, C.; FRAID, J. A.; CASSAB, L. A. Violência Contra a Mulher: Por que elas simplesmente não vão embora? **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas**, Universidade de Londrina, 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Determinantes Sociais e Riscos para a Saúde, Doenças Crônicas não transmissíveis e Saúde Mental**. OPAS/OMS: Brasília, 2016.

ORAM, S.; KHALIFEH, H.; HOWARD, L. M. Violence against women and mental health. **Lancet Psychiatry**, v. 4, n. 2, p. 159-170, 2017.

PAIXÃO, R. F.; PATIAS, N. D.; DELL'AGLIO, D. D. Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, n. 1, p. e344-336, 2019.

PEREIRA, A. C. L.; SECCO, L. D. P. D.; CARVALHO, A. M. R. A participação das cooperativas de catadores na cadeia produtiva dos materiais recicláveis: perspectivas e desafios. **Revista Psicologia Política**, v. 14, n. 29, p. 171-186, 2014.

RASHEDI, V. *et al.* Prevalence of and demographic factors associated with domestic violence among Iranian older adults: the results of Urban HEART-2. **Health Psychology Report**, v. 7, n. 1, p. 81-85, 2019.

SANTOS, J. E. *et al.* Motivação dos médicos estrangeiros para adesão e permanência no Programa Mais Médicos. **Saúde & Transformação Social**, v. 11, n. 2, p. 067-074, 2020.

SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade. In: Spink, M. J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 41-61.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink, M. J. p. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 41-61.

SUSMITHA, B. Domestic Violence: Causes, Impact and Remedial Measures. **Social Change**, v. 46, n. 4, p. 602-610, 2016.

SMITH J. W. Addiction medicine and domestic violence. **Journal of Substance Abuse Treatment**, v. 19, n. 4, p. 329-338, 2000.

THERBORN, G. Globalização e desigualdade: questões de conceituação e esclarecimento. **Sociologias**, ano 3, n. 6, p. 122-169, 2001.

VALVERDI, P. L. **La salud mental de mujeres supervivientes de violencia de género: una realidad chilena**. 2014. 253f. Tese (Doutorado em Psicología Diferencial y del Trabajo) - Universidad Complutense de Madrid Facultad de Psicología Departamento de Personalidad, Madrid, 2014.

WERLANG, R. E.; MENDES, J. M. R. Sofrimento social. **Serviço Social e Sociedade**. n. 116, p. 743-768, 2013.

YU, R. *et al.* Mental disorders and intimate partner violence perpetrated by men towards women: A Swedish population-based longitudinal study. **PLoS Medicine**, v. 16, n. 12, e1002995, 2019.

ZOLNIKOV, T. R. *et al.* Ineffective waste site closures in Brazil: a systematic review on continuing health conditions and occupational hazards of waste collectors. **Waste Management**, v. 80, p. 26-39, 2018.